

A IMAGEM E A PALAVRA EM FERREIRA DE CASTRO

Daniela Esperança Monteiro da Fonseca¹
Maria Natália Amarante²

Resumo

Este artigo procura compreender, de um ponto de vista geral, a relação que existe entre a imagem e a palavra nas capas dos principais romances de Ferreira de Castro, focalizando-se em especial na sua obra de referência: “A Selva”. Pelas suas múltiplas edições, em diversas línguas, a obra possui variados motivos de capa, desde o elemento floresta, ao rio, aos animais selvagens, à presença de inúmeras figuras humanas, ora indígenas, ora africanas, ora europeias. A metodologia usada, tendo em conta que se trata de um estudo em progresso, é sobretudo de âmbito qualitativo, alicerçando-se numa análise descritiva, semiótica e interpretativa das sinopses e dos temas presentes num *corpus* composto por 25 capas de “A Selva”. Dessa análise destaca-se, desde já, a presença da floresta em detrimento da árvore, a figura masculina em vez de feminina, a cor verde em relação às demais. Procurar-se-á refletir ainda sobre os vários sentidos ocultos das capas propostas, antecedendo esse estudo com uma interpretação da relação imagem-texto de outras obras relevantes do autor.

Palavras-chave: Ferreira de Castro. Imagem. Palavra.

THE IMAGE AND THE WORD IN FERREIRA DE CASTRO

Abstract

This article seeks to understand, from a general point of view, the relationship between the image and the word on the covers of Ferreira de Castro's main novels, focusing in particular on his reference work: "The Jungle". Due to its multiple editions in several languages, this work has numerous cover motifs, from the element of the forest, to the river, to the wild animals, to the presence of countless human figures, sometimes indigenous, sometimes African, sometimes European. The methodology adopted, taking into account that this is a study in progress, is mainly qualitative, based on a descriptive, semiotic and interpretative analysis of the synopses and cover motifs of a corpus composed of 25 covers. From this analysis, stands out the presence of the forest instead of the tree, the male figure instead of the female, the green colour more than others. It will also try to reflect on the various hidden meanings of the proposed covers, preceding this study with an interpretation of the imagetext relationship in other relevant works of the author.

Keywords: Ferreira de Castro. Image. Word.

1 INTRODUÇÃO

¹ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Portugal. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior, Covilhã. ORCID <<http://orcid.org/0000-0002-3292-7455>>. E-mail: dfonseca@utad.pt.

² Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Portugal. Doutora pela Universidade do Algarve. Professora na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-0710-8343>>. E-mail: namarant@utad.pt.

Este artigo visa compreender, sob um ponto de vista global, qual a relevância que a imagem e a palavra têm nas obras de Ferreira de Castro. Procura-se verificar, em primeiro lugar, qual a relação que existe entre a imagem (capa) e o texto (sinopse), a partir das primeiras edições ilustradas de algumas obras do autor, perscrutando se o visual estará em sintonia com a comunicação textual. Para além deste objetivo inicial, procurar-se-á aprofundar o estudo a partir do caso concreto de “A Selva”.

O título “A Selva” em português surge traduzido em espanhol como “*La Selva*”, em francês como “*La Forêt Vierge*”, em inglês como “*Jungle*”, possuindo os mais diversificados motivos de capa, nela se observando a presença manifesta do elemento visual “a floresta”, em detrimento de outros elementos gráficos menos relevantes, como o rio, os animais selvagens, as figuras humanas.

Sob o ponto de vista teórico, privilegia-se a abordagem de Roland Barthes e da sua Retórica da Imagem, observando os aspectos denotativos e conotativos da imagem e do texto, no *corpus* selecionado. Que duplos sentidos haverá nas capas de “A Selva” e nos diferentes títulos e idiomas em que foi traduzida? — É também esta uma última questão à qual se procura responder ao longo do trabalho.

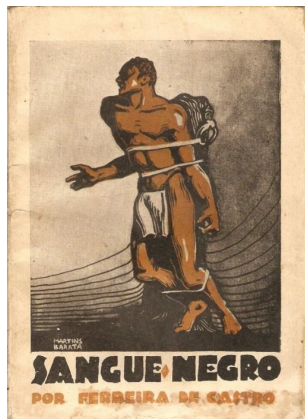
2 ANÁLISE DESCRITIVA DAS SINOPSES E CAPAS DAS PRINCIPAIS OBRAS DE FERREIRA DE CASTRO

O objetivo central desta seção é entender de que forma a imagem se relaciona com o texto, partindo das capas das primeiras edições ilustradas das obras de Ferreira de Castro. Reportamo-nos a Roland Barthes, principal referência teórica na análise semiótica e descritiva que se segue. O autor considera, desde logo, que não existe nenhuma imagem sem conotação, acrescentando que as imagens têm três tipos de mensagens associadas: a) uma mensagem denotada “que é o próprio analogon”, sendo a mensagem inata e verdadeira; b) uma mensagem conotada “que é o modo como a sociedade dá a ler, em certa medida, o que pensa dela”, representando a mensagem figurada/simbólica (BARTHES, 1984, p. 15); c) e, finalmente, a mensagem linguística, que está presente em todas as imagens, como: título, legenda, artigo de imprensa entre outros (BARTHES, 1984, pp. 31 e 32). Voltar-se-á mais adiante ao assunto, partindo agora à descoberta do que a leitura das capas das principais obras de Ferreira de Castro poderá trazer, quer em termos de imagem, quer em termos de texto, na sua dupla mensagem: denotativa e conotativa.

Inicia-se assim uma pesquisa descritiva das capas assinaladas e, procurar-se-á entender se a relação que existe entre a “sinopse” de cada livro e a “imagem de capa” é harmoniosa, ou se, pelo contrário, haverá outras mensagens subliminares na concepção da(s) capa(s). Trabalho semelhante terá sido desenvolvido por Sílvia de Matos e Marco Aurélio Paiva, em 2012, a partir de uma análise sociológica, mas apenas para o caso de “A Selva”, propondo-se “uma leitura do romance amazônico de Ferreira de Castro e o modo como a sua representação iconográfica foi produzida” (MATOS; PAIVA, 2012, p. 2).

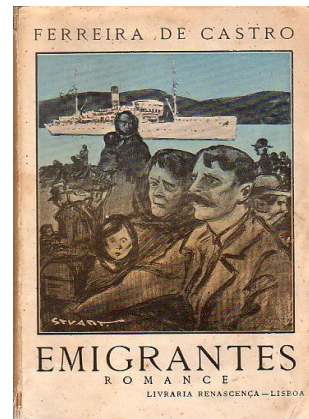
Ferreira de Castro publica seu primeiro romance em 1916, “Criminoso por Ambição”³, em Belém, após o regresso do seringal no qual passou quatro anos. Em 1923 surge a obra “Sangue Negro”, cuja capa se observa na Figura 1. Nela, o escritor explora as questões da opressão, expondo um indivíduo negro, preso num tronco, sobre uma espécie de teia em fundo escurecido. As cores predominantes são o cinzento, o castanho e o preto.

Figura 1: Obra “Sangue Negro” de Ferreira de Castro, publicada em 1923, pela Editora Biblioteca



Fonte: Capa retirada do *site* D’outro Tempo (2020)⁴

Figura 2: Capa da obra “Emigrantes” de Ferreira de Castro, publicada em 1928, pela Editora Livraria Renascença



Fonte: Capa retirada do *site* Escritores a Norte (2020)⁵

Já na sua fase mais amadurecida dá-se a publicação de “Emigrantes”⁶ (em 1928), onde se aborda a emigração portuguesa, mais especificamente para o Brasil. Poder-se-ia dizer que

³ Após a primeira obra, seguem-se depois “Carne Faminta” (1922), “O Êxito Fácil” (1923), “Sangue Negro” (1923), “A Morte Redimida” (1925), obras que viria, posteriormente, a renegar.

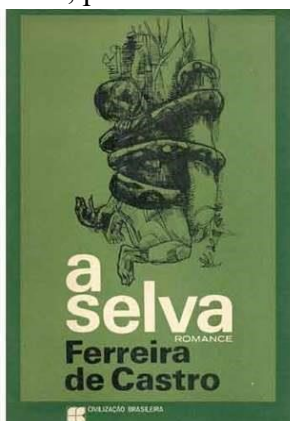
⁴ Esta e todas as capas retiradas para o texto foram recuperadas, de forma dispersa, através da Internet, sendo este o único recurso tecnológico disponível à autoria deste trabalho, dado o confinamento obrigatório a que as autoras ficaram votadas, desde março de 2020, sendo-lhes impossível complementar informação presencialmente através da pesquisa dos livros em Bibliotecas. Por outro lado, algumas das obras aqui colocadas são de difícil acesso, visto tratarem-se de documentos raros. Assim, procedeu-se à recolha através de vários *sites* onde os livros vinham publicitados para venda. No caso concreto da Figura 1, esta foi retirada do *site* D’outro Tempo, a partir do link que se propõe: <http://www.doutrotempo.com/livros/sangue-negro/291/>. Acesso em: maio 2020.

⁵ A capa apresentada em corpo de texto foi retirada do *site* Escritores a Norte, cujo *link* poderá ser acessado aqui: <http://escritoresanorte.pt/obras.aspx?modo=lista&id=4>. Acesso em: maio 2020.

as aspirações iniciais dos portugueses se foram rapidamente dissipando à chegada ao novo continente, perante as dificuldades sentidas. Pela análise da Figura 2, reconhece-se o drama da emigração portuguesa nos rostos pintados na imagem, bem como o fator marítimo em fundo azulado, aqui ilustrado pelo navio que serve de retaguarda à capa indicada. Há ainda os baús, bem como os rostos preocupados de mães, pais e crianças, naquela que seria a primeira e, provavelmente, única travessia do Atlântico. Não se reconhece o cais, de modo que é com incerteza que se analisa o fator partida ou chegada ao Brasil. O aglomerado de pessoas sugere tratar-se de um momento de despedida.

Em 1930, aparece o romance “A Selva”, considerada a obra-prima de Ferreira de Castro, sendo um livro que fala sobre a selva amazônica e as atribulações de um jovem monárquico português. Alberto é um estudante de Direito de 26 anos que, por causa de suas ideias políticas, é obrigado a emigrar para Belém do Pará. O protagonista é monárquico por convicção, o que o levou ao exílio político, após a implantação da República Portuguesa, em 1910. Já no Brasil, depois de morar com seu tio durante algum tempo, usufruindo de um certo conforto, criado pela falsa ideia de ninho familiar, é obrigado a embrenha-se na floresta amazônica, a fim de singrar na vida. É, pois, no território de “Paraíso”, às margens do Rio Madeira, que vive uma série de aventuras, propiciadas pela mata virgem e pelas situações de vida difícil do lugar.

Figura 3: Capa de “A Selva”, de Ferreira de Castro, publicada em 1930, pela primeira vez, aqui na versão de 1967, pela Editora Civilização Brasileira



Fonte: Capa retirada do *site Good Reads*⁷

⁶ Ainda a propósito dessa obra, em 1966, a Sociedade Nacional de Belas Artes de Portugal realizou uma exposição bibliográfica e iconográfica dedicada a Ferreira de Castro, onde foram produzidas edições especiais de “Emigrantes”, com posfácios do autor, e com ilustrações de Júlio Pomar. Ainda a assinalar a data, realizou-se um volume coletivo intitulado o Livro do Cinquentenário da Vida Literária de Ferreira de Castro.

⁷ Capa retirada do *site Good Reads*, cujo *link* pode ser acedido em: https://www.goodreads.com/book/show/2517564.A_Selva. Acesso em: abril 2020.

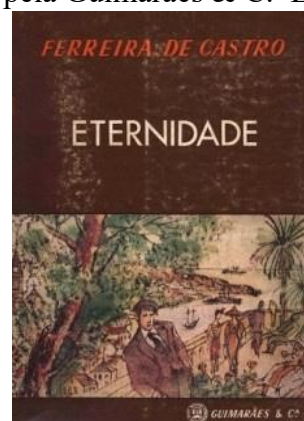
Já no romance “Eternidade”, publicado em 1933, Ferreira de Castro descreve a vida insular do Arquipélago da Madeira⁸ nos anos trinta do século XX.

Observando, de forma breve, a Figura 4, verifica-se a presença de alguns elementos típicos daquele lugar: a célebre casa de Santana; a vegetação típica da Madeira, bem como o relevo acidentado de alguns dos seus montes.

Figura 4: Capas do romance “Eternidade”, publicado pela primeira vez em 1933, aqui na 6.^a e 10.^a edição, pela Guimarães & C.^a Editores



6.^a edição da Guimarães & C.^a Editores
Fonte: Capa retirada do site Coisas, *Shopping Online*⁹



10.^a edição da Guimarães & C.^a Editores
Fonte: Capa retirada do *site Oportunity*¹⁰

Numa outra ilustração do romance (capa da direita), é possível uma outra leitura da obra, salientando a visão que o escritor explora da azáfama cidadina a partir do *Golden Gate*, referindo mesmo no livro que: “Aquele ângulo do Funchal era entre as esquinas do Mundo, um dos mais dobrados pelo espírito cosmopolita do século. Em viagem de recreio ou em trânsito para as África e Américas, davam volta ao cunhal do Golden Gate, diariamente, homens e mulheres de numerosas raças, a passo vagaroso, o nariz no ar, as mãos carregadas de cestos, de garrafas e de bordados da Madeira” (CASTRO apud VIEIRA, 2016, p. 10).

Em 1934, Ferreira de Castro publica “Terra Fria”, cuja capa se observa na Figura 5. Na aldeia de Padornelos, Montalegre¹¹, Leonardo luta, dia a dia, pelo sustento da família. Ele e a

⁸ O arquipélago da Madeira corresponde a um conjunto de ilhas de Portugal, situado no oceano Atlântico, sendo que apenas 2 das 7 ilhas são habitadas permanentemente: a ilha da Madeira e a ilha de Porto Santo.

⁹ Para mais informações, aceder ao *link*: https://www.coisas.com/FERREIRA-DE-CASTRO---ETERNIDADE---AUTOGRAFADO,name,225632798,auction_id,auction_details. Acesso em: maio 2020.

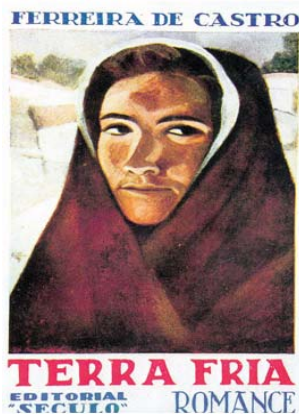
¹⁰ Para mais informações: <https://oportunityleiloes.auctionserver.net/view-auctions/catalog/id/615/lot/160553/Lote-967-A-eternidade-por-Ferreira-de-Castro-com-ex-libris-do-autor-Edi-o-Guimar-es-editora-Sinais-de-uso-20-x15-cm>. Acesso em: maio 2020.

¹¹ Montalegre é um vila de Trás-os-Montes e Alto Douro, distrito de Vila Real, Portugal.

mulher, ainda sem filhos, procuram ganhar algum dinheiro em trabalhos esporádicos e principalmente no contrabando, enquanto sonham ter o seu próprio negócio. É neste contexto que Ferreira de Castro descreve a atividade do contrabando, tão em voga no Estado Novo português. A trama vai, todavia, mais longe, relatando, o autor, o regresso à aldeia de Padornelos de um homem que tinha estado emigrado nos Estados Unidos da América, conhecido como o “americano”, sendo este considerado um dos homens mais importantes e influentes da aldeia, dando origem ao drama que irá ocorrer.

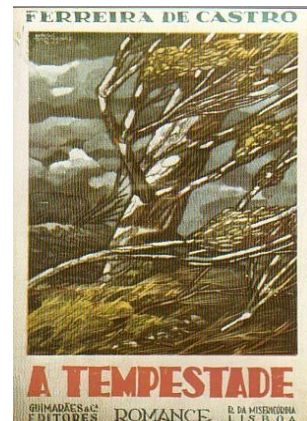
“Terra Fria” é um romance em que o leitor é assaltado por imagens de uma terra desoladora, fria. Para além de evidenciar a pobreza do Portugal profundo, Ferreira de Castro lança aqui uma crítica feroz ao abuso de poder do regime político da época, caracterizado no «americano» e na sua forma de agir. É visível, na Figura 5, a presença fria do interior transmontano, pela capa de burel disposta sobre a mulher ainda jovem.

Figura 5: Capa do romance “Terra Fria”, publicado em 1934, aqui na edição de Editorial “Século”



Fonte: Capa retirada do *site* nlvros (2020)¹²

Figura 6: Capa do romance "A Tempestade", publicado pela primeira vez em 1941, aqui na versão da Guimarães & C.^a Editores



Fonte: Capa retirada do *site* Abebooks¹³

Já no romance “A Tempestade”¹⁴, a ação decorre num único dia, a partir das memórias do protagonista (Albano), um empregado bancário, de 39 anos que se apaixona por Cecília, apesar de ser de condição diferente, de ser viúvo e ter uma filha pequena. A ação desenvolve-se a partir da suspeita de traição de Cecília, deixando o protagonista a pensar que a única

¹²A capa foi retirada do *blog* nlvros, consultado aqui: <https://nlvros.blogspot.com/2011/03/terra-fria-ferreira-de-castro.html>. Acesso em: maio 2020.

¹³ Para mais informações sobre a capa, *vide*: <https://www.abebooks.com/book-search/kw/a-tempestade-ferreira-de-castro/>. Acesso em: maio 2020.

¹⁴ A leitura apresentada em corpo de texto segue a interpretação de Carla Coelho, autora do *blog* <http://osdiasoslivros.blogspot.com/2012/03/tempestade-ferreira-de-castro.html>. Acesso em: abril 2020.

solução para o caso é matar a mulher e suicidar-se em seguida. O enredo desenrola-se sobretudo pela ótica de Albano, embora seja também apresentado o ponto de vista de Cecília na história. Se numa primeira fase, há a criação de uma certa empatia com a personagem de Albano, à medida que se avança na trama, essa afinidade vai caindo por terra, dando a impressão de se estar na presença de um homem mesquinho e egoísta. Um homem que mede o valor dos outros (e, em particular, das mulheres com quem se cruza), ostentando um sentido de “honra” distorcido (COELHO, 2019).

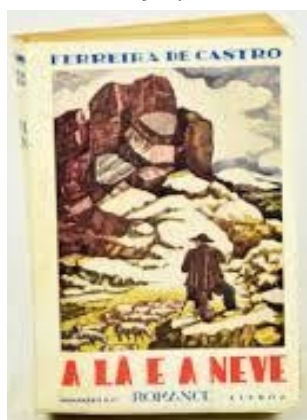
Na visão da capa, é compreensível a ilusão metafórica de uma tempestade, a partir de uma floresta em permanente conflito com as forças de um vento avassalador. Crê-se subsistir aqui a metáfora da violência temporária de uma tempestade associada à evolução psicológica da personagem central.

Publicada em 1947, a “Lã e a Neve” conta a vivência dos portugueses que habitam as regiões frias da Serra da Estrela, em plena 2ª Guerra Mundial. Um jovem pastor, Horácio, namora Idalina e sonha ser tecelão, ter uma casa confortável e progredir em sua carreira. Ao conseguir emprego na fábrica de tecelagem, casa-se e ascende a operário, mas vê-se obrigado a viver num casebre.

Ferreira de Castro retrata a dura vida do povo, através do relato da vida de Horácio. No sonho de construir uma casa, esta personagem abandona a pastorícia da Serra da Estrela, onde lutava contra as tempestades e o frio, e vai para a fábrica da Covilhã. Como em todas as obras de Ferreira de Castro, sobressai, no romance, o sentido social e as preocupações pelas condições de vida dos mais humildes.

Na visão da Figura 7, é compreensível a paisagem típica da Serra da Estrela, a aparência do pastor, a imagem da serra e do rebanho, este último elemento entendido como principal sustento da região e da fábrica. A aspereza dos montes e a clareza do branco sugerem a presença do frio e da neve.

Figura 7: Capa do romance “A Lã e a Neve”, na edição da Guimarães & C.^a Editores, em 1947



Fonte: Capa retirada do *site* Eclecticaleiloes¹⁵

Figura 8: Capa de “A Missão”, publicada pela primeira vez em 1954, aqui pela Editora Cavalo de Ferro (2013)



Fonte: Capa retirada do *site* da Wook¹⁶

O sentido moral e religioso da obra de Ferreira de Castro atinge o seu máximo em obras como “A Missão” e “O Senhor dos Navegantes”. Nas duas novelas, debatem-se temas como a criação, a salvação, a moral.

Na novela “A Missão”, um grupo de 14 eclesiásticos discute a possibilidade de pintar uma cruz no telhado do edifício onde está albergado. Nessa aldeia francesa, sobre iminente ocupação alemã em plena II Guerra Mundial, existe um outro edifício, que é igual ao da Missão. É uma fábrica, potencial alvo de ataques aéreos, onde trabalham cerca de 400 habitantes. O interesse dos alemães em destruir a fábrica pode pôr em causa a vida dos eclesiásticos. Por outro lado, a identificação e salvação de uns pode comprometer a vida de outros. Ilustrativa da narrativa parece ser a capa da edição proposta na Figura 8, de onde se avista o telhado do edifício e a cruz branca disposta sobre este.

A concluir esta análise descritiva, crê-se que as capas analisadas e as sinopses consultadas coincidem. Em termos semióticos, admite-se que as mensagens transmitidas pelas diferentes capas correspondem às principais ideias veiculadas pelo texto do autor nos seus romances. De modo a aprofundar este tema, propõe-se de seguida uma reflexão mais pormenorizada de uma obra em particular, “A Selva”.

¹⁵ Para outras informações, *vide*: <https://www.eclecticaleiloes.com/pt/auction/lot/id/18561>. Acesso em: abr. 2020.

¹⁶ Para outras informações, *vide*: <https://www.wook.pt/livro/a-missao-ferreira-de-castro/15243357>. Acesso em: abr. 2020.

3 O CASO ESPECÍFICO DE “A SELVA”

3.1 UM OLHAR DESCRITIVO SOBRE AS CAPAS DE “A SELVA”

Após a compilação de um *corpus* específico de 25 capas de “A Selva”, presentes no Quadro 1, através de uma amostragem não probabilística por conveniência, referem-se alguns dados preliminares sobre as suas componentes visuais e verbais. A saber: a) no âmbito das imagens predominantes, realça-se o elemento vegetal (árvores) e a presença da figura humana masculina; 1.1) no tipo de elemento vegetal mais comum, sobrepõe-se “a árvore em vez da floresta” à “floresta em vez da árvore”; 1.2) no que diz respeito à figura humana mais repetida, destaca-se o perfil do homem, majoritariamente africano, inserido na paisagem, como trabalhador-oprimido da Amazônia (veja-se as capas n.º 5, 9, 13 e 14, por exemplo); b) no que diz respeito às cores mais utilizadas nas capas, registra-se o *verde* como cor principal (capas n.º 2, 4, 8, 12, 13, 14, 15 e 25), logo seguido do castanho e do amarelo torrado, cores que se associam com facilidade à selva amazônica. Veja-se, então, o Quadro 1.

Quadro 1: Capas numeradas de “A Selva”

<p>Capa nº 1</p> 	<p>Ano de edição: 2019 Editora: Cavalo de Ferro Páginas: 284 Amadora</p>	<p>Capa nº 2</p> 	<p>Ano de edição: 2014 Editora: Cavalo de Ferro Páginas: s/d Amadora</p>	<p>Capa nº 3</p> 	<p>Ano de edição: 2009 Editora: Guimarães & C.^a Editores Páginas: 256 Lisboa</p>
<p>Capa nº 4</p> 	<p>Ano de edição: 2001 Editora: Planeta DeAgostini Páginas: 249 Lisboa</p>	<p>Capa nº 5</p> 	<p>Ano de edição: 2000 Editora: Guimarães & C.^a Páginas: 349 Lisboa</p>	<p>Capa nº 6</p> 	<p>Ano de edição: 1988 Editora: GRASSET Páginas: 283 Paris</p>
<p>Capa nº 7</p> 	<p>Ano de edição: 1982 Editora: Guimarães & C.^a Páginas: 318 ilustrações de Portinari. Lisboa</p>	<p>Capa nº 8</p> 	<p>Ano de edição: 1982 Editora: Guimarães & C.^a Editores Páginas: s/d Lisboa</p>	<p>Capa nº 9</p> 	<p>Ano de edição: 1978 Editora: Guimarães & C.^a Editores Páginas: 288 Lisboa</p>
<p>Capa nº 10</p> 	<p>Ano de edição: 1974 Editora: Imprensa Nacional de Publicidade Páginas: 288 Lisboa</p>	<p>Capa nº 11</p> 	<p>Ano de edição: 1974 Editora: Imprensa Nacional de Publicidade Páginas: 318 Ilustrações de Júlio Pomar. Lisboa</p>	<p>Capa nº 12</p> 	<p>Ano de edição: 1972 Editora: Verbo páginas: 314 Lisboa</p>
<p>Capa nº 13</p> 	<p>Ano de edição: 1967 Editora: Civilização Brasileira Páginas: 237 Rio de Janeiro</p>	<p>Capa nº 14</p> 	<p>Ano de edição: 1963 Editora: Broché Páginas: 367 Paris</p>	<p>Capa nº 15</p> 	<p>Ano de edição: 1955 editora: Guimarães & C.^a Ed., Páginas: 220 38ª ed. Lisboa</p>

<p>Capa nº 16</p> 	<p>Ano de edição: 1949 Editora: Guimarães & C.^a [capa de Jorge Barradas]. – [13^a. ed.]. – Lisboa: Páginas: 333</p>	<p>Capa nº 17</p> 	<p>Ano de edição: 1949 Editora: Guimarães & C.^a Páginas: 333 [capa de Jorge Barradas]. – [13^a. ed.]. – Lisboa</p>	<p>Capa nº 18</p> 	<p>Ano de edição: 1949 Editora: Guimarães & C.^a Páginas: 321 Lisboa</p>
<p>Capa nº 19</p> 	<p>Ano de edição: 1938 Editora: Bernard Grasset Páginas: Tradução de Blaise Cendrars.: Paris</p>	<p>Capa nº 20</p> 	<p>Ano de edição: 1937 Editora: Empresa Nacional de Publicidade Páginas: 272 Lisboa</p>	<p>Capa nº 21</p> 	<p>Ano de edição: 1934 Editora: Moura Fontes Editor: Páginas: 339. Rio de Janeiro</p>
<p>Capa nº 22</p> 	<p>Ano de edição: 1931 Editora: B. Bauzá Páginas: 271 Barcelona</p>	<p>Capa nº 23</p> 	<p>Não foi possível encontrar informações</p>	<p>Capa nº 24</p> 	<p>Ano de edição: s.d Editor: Livraria Civilização. Páginas: 333 Porto.</p>
			<p>Capa nº 25</p> 	<p>Ano de edição: 1930 Editora: (Edição de Luxo, Empresa Nacional de Publicidade Páginas: s/d Lisboa</p>	

Fonte: Elaboração própria¹⁷

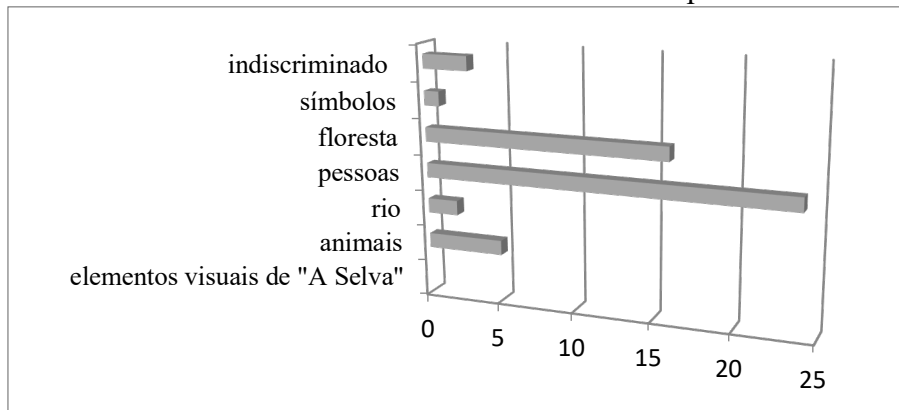
Já no que se refere ao elemento verbal evidenciado nas capas, há um predomínio do nome do autor na parte superior da capa, enfatizando-se a autoria em relação aos demais elementos verbais; 3.1) é ainda, com alguma curiosidade, que se verifica a tradução para o francês de “*Forêt Virgée*”, cuja tradução para o português seria “Floresta Virgem” em vez de “A Selva”.

¹⁷ As fontes de acesso às imagens das capas estão disponíveis nas referências bibliográficas.

De modo a entender melhor os dados previamente assinalados, atente-se, de seguida, aos gráficos concebidos para análise, estabelecendo uma leitura denotativa e conotativa dos elementos visuais propostos nas capas de “A Selva”.

Parte-se de uma ideia simples em que não se crê ser possível ler uma mensagem em estado puro, já que a sua conexão com o lado simbólico é tão forte que seria impraticável separá-las, apesar disso a mensagem denotativa da imagem permite identificar espontaneamente a cena registrada, o que não deixa de ser considerado uma pseudoverdade, na acepção de Roland Barthes (1982, p.10), dado que: “quanto mais a técnica desenvolve a difusão das informações mais ela fornece os meios para mascarar o sentido construído sobre a aparência do sentido dado”.

Gráfico 1: Elementos visuais mais relevantes das capas de “A Selva”



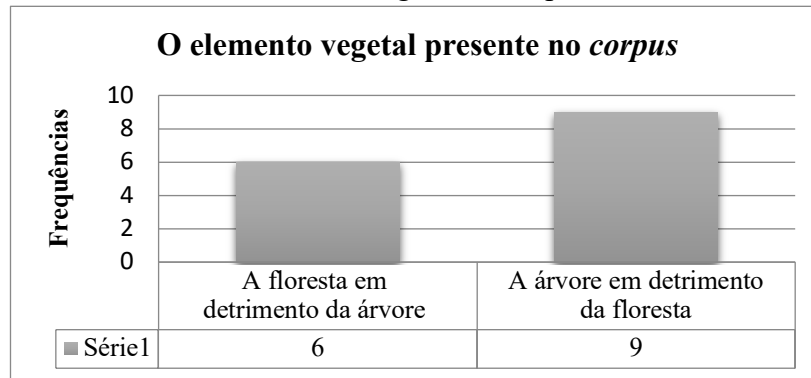
Fonte: elaboração própria

Sem contrariar o disposto anterior, e sem outras pretensões que não sejam as da simples descrição do *corpus* das 25 capas consideradas, pela observação do Gráfico 1 é visível a presença maioritária de pessoas, logo seguida do elemento floresta, depois de animais, e finalmente do elemento rio.

Já numa leitura conotativa, também se verifica a relevância da presença do elemento masculino e de uma floresta difusa que se agiganta sobre si próprio; quando assim não sucede, há exceções que fazem concentrar o olhar do leitor sobre o seringador e sobre o elemento opressão/terror causado pela imagem de dois decepados (um decepado contemporâneo, de fato e gravata, evidenciado na capa nº 10, e um decepado indígena, capas nº 7 e 8).

Aplicando uma lupa ao elemento vegetal colocado nas capas, procedeu-se à criação de uma espécie de metáfora mesclada no binômio floresta/árvore, como se observa no Gráfico 2.

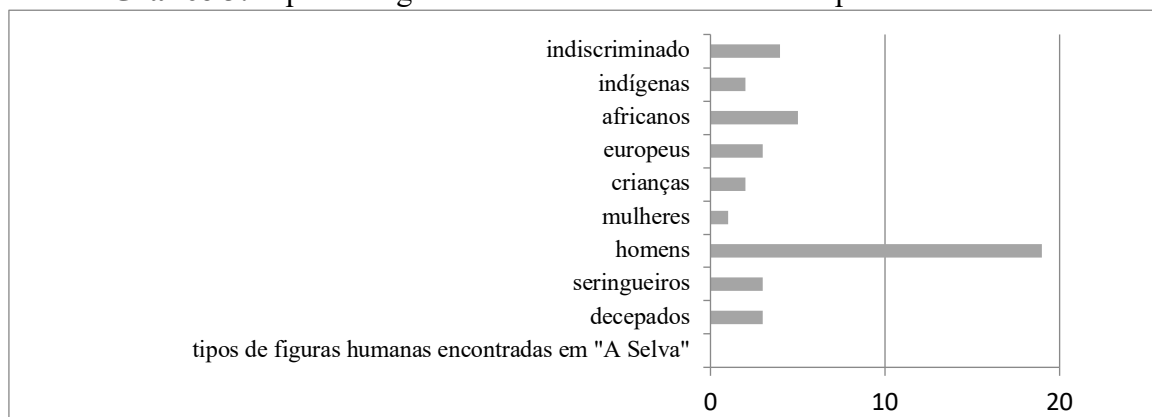
Gráfico 2: O elemento vegetal nas capas de “A Selva”



Fonte: elaboração própria

Como se constata, pelo exposto, prevalece “a árvore em detrimento da floresta”, fato que tanto pode significar que a árvore simboliza o próprio protagonista e toda a sua extensa epopeia ao longo do livro, como poderá ser apenas o resultado de uma opção estética dos ilustradores, sublinhando-se mais a presença de uma árvore, melhor trabalhada nas cores e nos desenhos propostos, do que o trabalho complexo de toda uma floresta indefinida.

Gráfico 3: Tipos de figuras humanas encontradas nas capas de “A Selva”



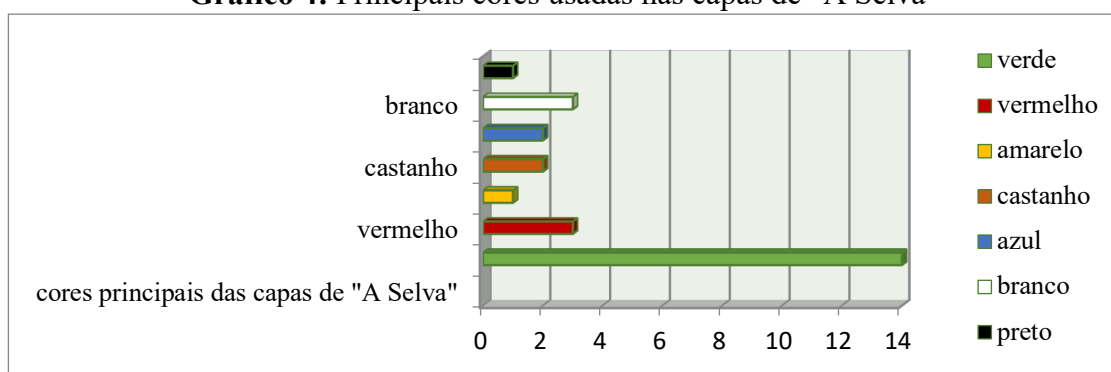
Fonte: Elaboração própria

Em termos de presença humana, haverá várias opções nas diferentes concepções gráficas editadas, a saber: em primeiro lugar, surge o indivíduo do sexo masculino como predominante na grande maioria delas; em segundo lugar, a visão realista de um indivíduo que se dedica à atividade da seringa (capa nº 23, por exemplo); em terceiro lugar, a figura de todos esses indivíduos no espaço da Amazônia; em quarto lugar, a presença de elementos indiscriminados, cuja natureza é de difícil designação (capa nº 4, por exemplo); finalmente, numa última menção, evidencia-se a presença de homens deceçados (capas nº 7, 8 e 10), a de

figuras europeias (capa nº 9) e indígenas (capa nº 15), e a presença de mulheres e crianças (capa nº 5), mas em menor dimensão, como se constata no Gráfico 3.

Ainda a esse respeito, não deixa de ser curiosa a presença de crianças na capa, atendendo ao fato de este ser um elemento ignorado na obra. A existência do homem europeu nesse contexto é, também ela, de algum modo, sugestiva, uma vez que, em algumas capas, essa figura europeia surge com uma roupa contemporânea e algo distinta daquilo que se conceberia para o seringal amazônico (*vide* Quadro 1, capa 9 e 10).

Gráfico 4: Principais cores usadas nas capas de “A Selva”



Fonte: elaboração própria

Se se procurar as cores predominantes nas capas consultadas, verifica-se a prevalência do verde sobre outros tons. Nascimento e Ferreira (2005) referem que certas cores e símbolos gráficos possuem um significado específico culturalmente (por exemplo, o verde está associado a algo positivo e o vermelho a algo negativo, a cruz está associada a negação, entre outros). De acordo com Karina Kavazana (2014, p. 19), o verde permite várias associações: a) uma associação material relacionada com frescura, primavera, bosques, folhas, tudo o que simboliza o vegetal; e uma associação afetiva, relacionada com bem-estar, natureza, coragem, firmeza e serenidade. Se é certo dizer-se que nem todos estes elementos se poderão atribuir à Amazônia, a verdade é que o fator natureza, o fator coragem e o fator firmeza subsistem, grandemente, na trama.

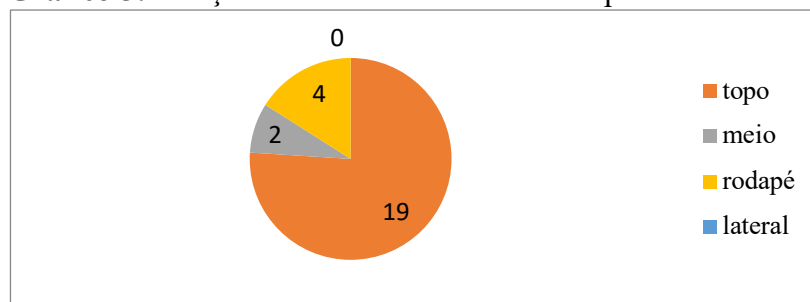
Para além do verde, surgem também em destaque o castanho e o amarelo, tons que se associam à idealização de uma floresta, como se sugere na observação do Quadro 1 (capas nº 5 e 23).

Não sendo o castanho uma cor tipicamente comercial, a sua utilização surge apoiada no contexto floresta, o mesmo não se verificando com o amarelo. Esta última cor é, na verdade, uma cor-chave nas capas criadas, atendendo ao fato de estar associada a fatores

positivos e negativos: sob um ponto de vista positivo, o amarelo está relacionado com a presença do sol; do verão; da luz celeste; já sob um ponto de vista negativo, aparece conectado “com alerta, ciúme, orgulho, egoísmo, euforia, originalidade, iluminação, idealismo” (KAVAZANA, 2014, p. 19). Assim evidenciado, é pouco provável que outros termos encaixassem tão bem nos sentimentos experienciados, por várias personagens, ao longo da sua própria evolução dentro de “A Selva”.

Ainda no que se refere à forma como os elementos gráficos estão dispostos nas capas, verificando aquilo que se poderia considerar como a mensagem linguística, na acepção de Barthes (1982; 1984) e atendendo às manchas tipográficas e à composição final da obra, é necessário observar que o nome do autor surge, na maior parte das vezes, no cimo da página e menos vezes no rodapé, como se visualiza no Gráfico 5.

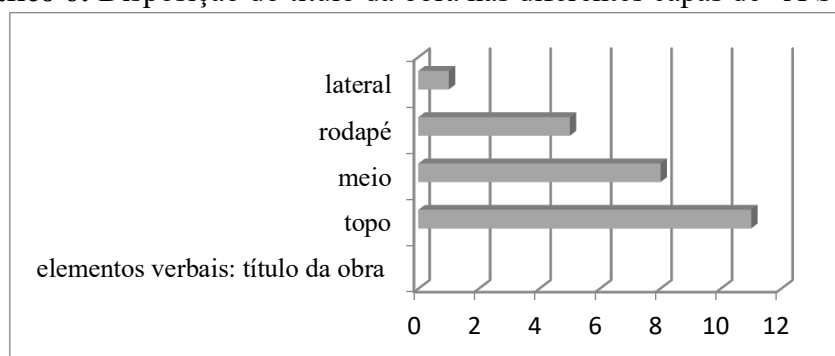
Gráfico 5: Posição do nome do escritor nas capas de "A Selva"



Fonte: elaboração própria

Se, para além do nome do autor, se verificar a presença do título, também se destaca que o título no topo da página tem uma maior frequência no *corpus* em análise, o que não invalida, contudo, a possibilidade de este ser colocado numa lateral da capa, como é dado a entender pelo Gráfico 6.

Gráfico 6: Disposição do título da obra nas diferentes capas de “A Selva”

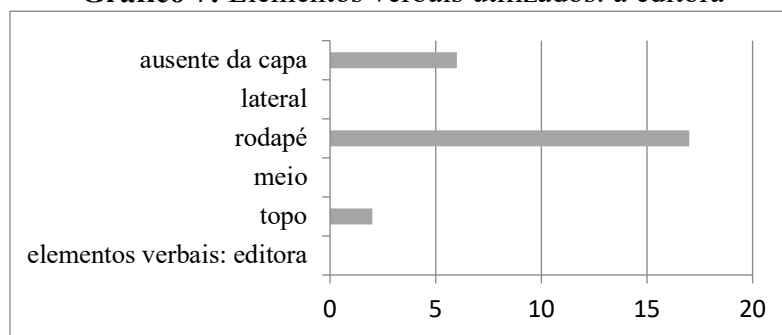


Fonte: elaboração própria

Numa primeira análise, verifica-se que a mensagem linguística das capas é dupla: denotativa e conotativa. A denotação consiste na apresentação dos diferentes recursos de texto que se utilizam nas capas, sejam estes os títulos propostos, ou os elementos de identificação da obra (autor e editora). A conotação reside nos múltiplos significados que alguns desses elementos podem transportar (BARTHES, 1982), exemplificando-se aqui com o caso da tradução para o francês do nome da obra “A Selva” como *Florêt Vierge*.

Admite-se assim que a mensagem linguística exerce uma função de ancoragem em relação à mensagem icônica. Os títulos têm o desígnio de fixar os vários significados que nos poderiam surgir da visualização das capas. Apesar disso, no último caso considerado, o título em idioma francófono (*Forêt Vierge*), coloca-nos sob novas reservas em relação à função de ancoragem, inflamando o sentido denotativo da imagem. Voltar-se-á à questão mais adiante.

Gráfico 7: Elementos verbais utilizados: a editora



Fonte: Elaboração própria

Ainda a esse respeito, apresenta-se agora a forma como as editoras estão referidas, a partir do Gráfico 7. Em grande parte das 25 capas analisadas, a referência à editora fez-se em rodapé, sendo certo que, em algumas delas, o elemento linguístico não chegou sequer a figurar na capa.

Os argumentos previamente propostos sugerem alguma simplicidade na observação das capas da obra “A Selva”, dado que se trata de um trabalho em progresso, todavia, mais do que respostas, este texto visa fazer algumas perguntas, como se poderá subentender da próxima seção dedicada às considerações finais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS CAPAS DE “A SELVA”

Há várias questões que suscitam interesse em “A Selva”, sendo que neste artigo se sublinham três. No que se refere à primeira, questiona-se o porquê de apenas numa das capas surgir, de forma concreta, a figura de Alberto? Será este um romance coletivo ou de protagonista? Aliás, esta questão é, ela-própria, visível na explicação da personagem Estica para o fato de ter incendiado e trancado Seu Juca: “Seu Juca não é amigo da liberdade”. Assim se percebe que este será um romance em que não só a selva rivaliza o papel de protagonista com Alberto, como também a própria história coletiva dos seus habitantes germina mais importante que a trajetória individual de apenas um deles, o jovem monárquico. No mesmo sentido se leem as perspectivas de Matos e Paiva (2012, p. 15), quando referem:

Através da leitura de A selva, de Ferreira de Castro, e das novelas anteriores ao seu romance amazônico, tenta-se mostrar que a presença da natureza não deve ser tomada como elemento central da trama. Pois, pode-se perceber que, do início ao final da obra, o drama humano é o seu eixo principal do romance. A trama presente na narrativa do autor português centra-se principalmente no modo como um dado sistema de organização do trabalho transforma homens em escravos de outros homens, os seringueiros explorados e escravos dos seringalistas ambiciosos.

Assim, mais do que romance de protagonista, este trabalho é um romance de espaço, em que o “espaço é um elemento autônomo, rural ou urbano, industrial ou campestre, susceptível de descrições variavelmente pormenorizadas, capaz de ganhar contornos sociais, econômicos e mentais” (REIS, 2014, p. 244). Essa visão surge da convicção de que, mais importante do que o herói, ou outras personagens, é o fator natureza. — A presença constante da virgindade amazônica agiganta, de fato, esse argumento.

Sem contrariar o disposto, importa lembrar novamente Matos e Paiva (2012, p. 2) quando referem que, no caso de “A Selva”, a “floresta pode ser interpretada como um desvio interpretativo e/ou equívoco de leitura, e isso na medida em que as gravuras das capas das diversas edições do romance priorizam a natureza em detrimento do drama humano que o trecho da obra ressalta”.

Uma outra questão que merece o nosso interesse materializa-se de outra forma: por que é que a árvore é maior que a floresta, na maior parte das capas analisadas?

Mesmo sendo um fato circunstancial, a presente metáfora conduz-nos à importância da ação dos indivíduos sobre a paisagem, ou seja: na impossibilidade de uma ação concertada contra os poderosos da Amazônia, seriam os pequenos passos dados por indivíduos excepcionais capazes de alterar o *status quo*? Seria talvez esse o caso de Estica (personagem fundamental à trama)?; Seria talvez esse o caso de Firmino, que, a determinada altura, ousou

sonhar mais alto do que o seu simples destino lhe oferecia? Não será também essa a metáfora atual sobre tudo quanto se está a passar no mundo em matéria de novo ativismo? — Não é este o lugar, certamente, para explorar esse tema.

Considera-se, enfim, um último comentário relativo à tradução do título para o francês: porquê a tradução de Floresta Virgem? Por homenagem à Amazônia, espaço inquebrável, impenetrável? Por ser um estado de virgindade forçada a que todos os homens se devotariam na agressão castradora do seringal brasileiro?

Logo após o famoso episódio da égua, Firmino como que legitima a atuação de Agostinho, dizendo: “Não há mulher... Que vai um homem fazer aqui?” (CASTRO, 2014, p. 112). Ainda nas páginas 120 e 121, Firmino traça todo um cenário de desolação, relativamente à presença de mulheres, aquando da pescaria noturna: “Então aqui não há mulheres? — Não, não há. Para seringueiro sem saldo, não há! — Então em Humaitá não há mulheres? — dizem que há uma preta e uma mulata” (CASTRO, 2014, p. 120-121).

Após o caminho transposto, evidencia-se uma nota final, lembrando que a imagem e a palavra funcionam em harmonia na maior parte das obras apresentadas, requerendo-se novas investigações sobre o tema em que a análise seja complementada com uma observação do *design* e dos contextos históricos em que essas produções apareceram.

Ferreira de Castro é seguramente um dos melhores escritores portugueses de todos os tempos e esse fator determina novas investigações à sua vasta obra e à forma como esta terá sido sucessivamente editada e transcrita para outros idiomas.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Lisboa: 70, Lda, 1984.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: 70, 1982.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: 70, Lda, 1984.

CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. 31.^a ed. Lisboa: Guimarães e C.^a, 1978.

CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2014.

CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, s.d.

CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. Lisboa: Guimarães, 1982.

CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. São Paulo: Verbo, 1972.

CASTRO, Ferreira de. **Forêt Vierge**. Paris: Grasset, 1988.

CASTRO, Ferreira de. **Forêt Vierge**. Paris: Livres de Poches, 1963.

CASTRO, Ferreira de. **Jungle**. New York: Viking, 1935.

CASTRO, Ferreira de. **La Selva**. Barcelona: B Bauza, 1930.

CAVAZANA, Karina. **A influência da psicodinâmica das cores nas organizações**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Bacharelado em Administração do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis. ASSIS – SP, 2014. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1311390641.pdf>. Acesso em: abr. 2020.

MATOS, Sílvia F.; PAIVA, Marco Aurélio A. C.. Pensamento social no Brasil imagens da selva: iconografia e literatura em A Selva de Ferreira de Castro. *In: 36º Encontro Anual da ANPOCS*, Águas de Lindoia 21, 22, 23, 24 e 25 de outubro de 2012. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-36-encontro/gt-2/gt27-2/8159-imagens-da-selva-iconografia-e-literatura-em-a-selva-de-ferreira-de-castro/file>. Acesso em: abr. 2020.

NASCIMENTO, H., e FERREIRA, C.. Visualização de informações – uma abordagem prática. *In: XXV Congresso da Sociedade Brasileira de Computação*, São Leopoldo, julho de 2005. Disponível em: <http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/jai/2005/002.pdf> Consultado a 18-10-2015. Acesso em: abr. 2020.

REIS, Carlos. Textualização do espaço e espacialização do texto. **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá, v. 36, n. 3, p. 243-249, July-Sept., 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/13306302/Textualiza%C3%A7%C3%A3o_do_espa%C3%A7o_e_espacializa%C3%A7%C3%A3o_do_texto. Acesso em: abr. 2020.

VIEIRA, A. Gibraltar e Madeira. 1940-1944. Uma união de facto num paraíso fustigado pela guerra. **Cadernos de Divulgação do CEHA (Projeto “Memória-Nona Ilha”/DRC/SRETC, N.º 03)**. Funchal, Junho de 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/26471313/_MEM%C3%93RIA-Nona_Ilha_UMA_UNI%C3%83O_DE_FACTO_NUM_PARA%C3%8DSO_FUSTIGADO_PELA_GUERRA. Acesso em: abr. 2020.

WEBGRAFIA

COELHO, Carla. Tempestade. Ferreira de Castro. *In: COELHO, Carla. Blog Os dias e os Livros*. Março de 2012. Disponível em: <http://osdiaseoslivros.blogspot.com/2012/03/tempestade-ferreira-de-castro.html>. Acesso em: abr. 2020.

Capas das principais obras de Ferreira de Castro

Capa de “A Missão”, retirada do *site* da *Wook*. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/a-missao-ferreira-de-castro/15243357>. Acesso em: abr. 2020.

Capa de "A Tempestade", retirada do site Abebooks. Disponível em:
<https://www.abebooks.com/book-search/kw/a-tempestade-ferreira-de-castro/>. Acesso em:
maio 2020.

Capa de “A Lã e a Neve”, retirada do *site* Eclecticleiloes. Disponível em:
<https://www.eclecticleiloes.com/pt/auction/lot/id/18561>. Acesso em: abr. 2020.

Capa de “A Selva”, retirada do *site* Good Reads. Disponível em:
https://www.goodreads.com/book/show/2517564.A_Selva. Acesso em: abr. 2020.

Capa de “Emigrantes”, retirada do *site* Escritores a Norte. Disponível em:
<http://escritoresanorte.pt/obras.aspx?modo=lista&id=4>. Acesso em: maio 2020.

Capa de “Eternidade”, retirada do site Coisas, *Shopping Online*. Disponível em:
https://www.coisas.com/FERREIRA-DE-CASTRO---ETERNIDADE---AUTOGRAFADO,name,225632798,auction_id,auction_details. Acesso em: maio 2020.

Capa de “Eternidade”, retirada do *site* Oportunity Leiloes. Disponível em:
<https://oportunityleiloes.auctionserver.net/view-auctions/catalog/id/615/lot/160553/Lote-967-A-eternidade-por-Ferreira-de-Castro-com-ex-libris-do-autor-Edi-o-Guimar-es-editora-Sinais-de-uso-20-x15-cm>. Acesso em: maio 2020.

Capa de “Sangue Negro”, retirada do *site* D’outro Tempo. Disponível em:
<http://www.doutrotempo.com/livros/sangue-negro/291/>. Acesso em: maio 2020.

Capa de “Terra Fria”, retirada do *site* Nlivros. Disponível em:
<https://nlivros.blogspot.com/2011/03/terra-fria-ferreira-de-castro.html>. Acesso em: maio 2020.

Capas de “A Selva”, a partir da internet

Capa nº 1 de “A Selva”, editada em 2019, pela Editora Cavalo de Ferro, em Amadora (Portugal), retirada do site Wook. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/a-selva-ferreira-de-castro/16016153>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 2 de “A Selva”, editada em 2014, pela Editora Cavalo de Ferro em Amadora (Portugal), retirada do site Livro Mano. Disponível em: <https://www.livromano.pt/2015/01/a-selva-de-ferreira-de-castro.html>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 3 de “A Selva”, editada em 2009, pela Editora: Guimarães & C.^a Editores em Lisboa, retirada do site Wook. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/a-selva-ferreira-de-castro/2843223>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 4 de “A Selva”, editada em 2001, pela Editora Planeta DeAgostini, Lisboa, retirada do *site* Good Reads. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/32500581-a-selva?rating=1>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 5 de “A Selva”, editada em 2000, pela Editora: Guimarães & C.^a, em Lisboa, retirada do *site* Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/a-selva-39346ed43020.html>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 6 de “A Selva”, editada em 1988, pela Editora: Grasset, em Paris, retirada do site Estante Virtual. Disponível em: <http://www.estantevirtual.com.br/livros/ferreira-de-castro/foret-vierge/3831261585>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 7 de “A Selva”, editada em 1982, pela Editora: Guimarães & C.^a, em Lisboa, retirada do *site* Abebooks. Disponível em: <https://www.abebooks.co.uk/SELVA-CASTRO-Ferreira-1898-1974-Guimar%C3%A3es-Cia/17893298606/bd>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 8 de “A Selva”, editada em 1982, pela Editora: Guimarães & C.^a, em Lisboa, retirada do *site* In-Libris. Disponível em: <https://in-libris.com/products/selva-a-1?variant=6825604022302>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 9 de “A Selva”, editada em 1978, pela Editora: Guimarães & C.^a, em Lisboa, retirada do *site* O Cais da Memória. Disponível em: <https://ocaisdamemoria.com/2018/03/28/a-selva-livro-do-escritor-ferreira-de-castro/>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 10 de “A Selva”, editada em 1974, pela Editora: Imprensa Nacional de Publicidade, em Lisboa, retirada do *site* Livraria Alfarrabista. Disponível em: <https://www.livrariaalfarrabista.com/?aut=85>. Acesso em: maio de 2020.

Capa nº 11 de “A Selva”, editada em 1974, pela Editora: Imprensa Nacional de Publicidade, em Lisboa, retirada do *site* Livrariasidarta (Edição especial comemorativa dos 75 anos de Ferreira de Castro. Ilustrações de Júlio Pomar). Disponível em: <http://www.livrariasidarta.pt/produto/a-selva/>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 12 de “A Selva”, editada em 1972, pela Editora: Verbo, no Porto, retirada do *site* Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/a-selva-39346ed332846.html>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 13 de “A Selva”, editada em 1967, pela Editora: Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro, retirada do *site* Good Reads. Disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/2517564.A_Selva. Acesso em: abril de 2020. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 14 de “A Selva”, editada em 1963, pela Editora: Broché, em Paris, retirada do *site* Amazon. Disponível em: <https://www.amazon.com/Foret-vierge-Ferreira-Castro/dp/B0044T9QAI>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 15 de “A Selva”, editada em 1955, pela Editora: Guimarães & C.^a Ed., em Lisboa, retirada do *site* Skoob (Edição Comemorativa dos 25 anos do romance – Ilustrações de Cândido Portinari e vinhetas de Elena Muriel - O Seringueiro). Disponível em: <https://www.skoob.com.br/a-selva-39346ed164563.html>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 16 de “A Selva”, editada em 1949 pela Editora: Guimarães & C.^a Ed., em Lisboa, retirada do *site* Anpocs. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-36-encontro/gt-2/gt27-2/8159-imagens-da-selva-iconografia-e-literatura-em-a-selva-de-ferreira-de-castro/file>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 17 de “A Selva”, editada em 1949 pela Editora: Guimarães & C.^a Ed., em Lisboa, retirada do *site* LevyLeiloeiro. Disponível em: <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=148889>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 18 de “A Selva”, editada em 1949 pela Editora: Guimarães & C.^a Ed., em Lisboa, retirada do *site* Alfarrabista. Disponível em: <http://www.alfarrabista.eu/livros.php?artg=1034760>. Acesso em: maio 2020.

Capa nº 19 de “A Selva”, editada em 1938 pela Editora: Bernard Grasset, em Paris, retirada do *site* Doutro Tempo. Disponível em: [http://www.doutrotempo.com/livros/foret-vierge-\(a-selva\)/488/](http://www.doutrotempo.com/livros/foret-vierge-(a-selva)/488/). Acesso em: maio 2020.

Capa n° 20 de “A Selva”, editada em 1937, pela Editora: Empresa Nacional de Publicidade, em Lisboa, retirada do *site Bestnetleilões*. Disponível em: <https://www.bestnetleiloes.com/pt/leiloes/livros-83/ferreira-de-castro-a-selva>. Acesso em: maio 2020.

Capa n° 21 de “A Selva”, editada em 1934, pela Editora: Moura Fontes Editor, em Rio de Janeiro, retirada do *site sebonascanelasleilões*. Disponível em: <https://sebonascanelasleiloes.com.br/peca.asp?ID=1175993>. Acesso em: maio 2020.

Capa n° 22 de “A Selva”, editada em 1931, pela Editora: B. Bauzá, em Barcelona, retirada do *site Todo coleccion*. Disponível em: <https://en.todocoleccion.net/old-books/la-selva-ferreira-castro-jose-maria-traduccion-luis-dias-amado-herrero-rodriguez-le~x51477409>. Acesso em: maio 2020.

Capa n° 23: não foi possível encontrar dados.

Capa n° 24 de “A Selva”, editada em 1930, pela Editora: Empresa Nacional de Publicidade, em Lisboa, retirada do *site coisas.com*. Disponível em: https://www.coisas.com/A-Selva---Ferreira-de-Castro-ENP-Edicao-de-Luxo-1930,name,228256210,auction_id,auction_details. Acesso em: maio 2020.

Capa n° 25 de “A Selva”, editada em 1930, pela Editora Livraria Civilização, no Porto. Disponível em: <http://montalvoeascinciasdonossotempo.blogspot.com/2010/10/ferreira-de-castro-selva-relacao-entre.html>. Acesso em: maio 2020.